

31/10/2019

Totalitarismo contemporâneo e crítica radical

Fernando Gastal de Castro

[Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da UFRJ.
Doutor em Psicologia do Trabalho e das Organizações]

A sociedade contemporânea tem se tornado cada vez mais totalitária. Em tempos de “capitalismo de fim de linha” conforme enfatiza o filósofo [Robert Kurz](#), os fundamentos das relações sociais nos dias atuais deterioram-se rapidamente.

Diferente de outros momentos críticos do passado, porém, a crise contemporânea mostra-se estrutural. Em seu cerne estão a mercadoria, o trabalho assalariado e o sistema de mercado que, na sua ânsia irracional e ilimitada de acumulação de dinheiro, provoca por todo planeta uma decomposição profunda da vida humana e da natureza. Instituem-se, em decorrência, formas totalitárias que visam em seu conjunto, manter o atual sistema político-econômico-social próprio à lógica do capital como a única alternativa civilizatória possível. Assistimos, portanto, no contemporâneo, a união definitiva entre capitalismo e barbárie. As formas de totalitarismo que emergem desse estado de decomposição social são diversas. Por um lado, presenciamos o totalitarismo econômico com a ditadura do capital financeiro como ordenador mundial, sob a égide dos princípios neoliberais. Nesse aspecto, quem dita nos tempos atuais os rumos dos Estados, da política e da vida cotidiana são os grandes bancos e conglomerados financeiros, ávidos por lucros a curto prazo nas bolsas de valores e no mercado financeiro.

Além disso, assistimos a emergência de novas formas de totalitarismo político em função da decomposição da democracia liberal, dos direitos humanos e do Estado social, em contraste com a ascensão das guerras híbridas para derrubar governos, das novas formas de ocupação dos territórios por brigadas armadas paramilitares e da política reduzida à pura gestão da miséria econômica.

Podemos listar, da mesma forma, a emergência e a ascensão do totalitarismo da indústria cultural e do consumo, que reduz a arte, o lazer e a relação com o mundo em geral, a ditadura do espetáculo mercantil. Todas as coisas ao nosso redor passaram a estar à venda e nós, seres vivos, nos vemos cada dia mais

reduzidos a seres consumistas que possuem sua razão de viver no comprar. Quem não compra, em suma, não existe. É dentro desse contexto de decomposição social ampla, que devemos compreender os graves problemas vividos pelo trabalho assalariado no século XXI. Expressão tipicamente moderna de libertação humana, em relação às formas de escravidão e servidão que o precederam, o trabalho assalariado mostra-se na atualidade em profunda crise.

Dado o alto grau tecnológico e científico alcançado pela indústria 4.0, a automação microeletrônica, a inteligência artificial, a internet e os sistemas de análises de grandes massas de dados (*big data*), têm ocupado o lugar do trabalho humano em escala jamais vista. Em 2016, só a título exemplo, o [Fórum Econômico Mundial](#) previa que, até 2020, desapareceriam 5 milhões de empregos.

O trabalho assalariado, desta maneira, reencontra nos tempos atuais a escravidão, a precarização, a desregulamentação e outras formas de totalitarismo típicas de um estado de regressão civilizatório avançado. A esta decomposição do trabalho assalariado e suas formas de totalitarismo correspondentes, liga-se outro aspecto fundamental: o empobrecimento cada vez maior do tempo de vida.

Não é exagero afirmar que vivemos, enquanto trabalhadores e trabalhadoras contemporâneos, sob a ditadura do tempo cronológico e produtivo.

O tempo *quantitativo* impera, fazendo da existência cotidiana um apressar-se sem fim, cada vez mais esvaziada de experiências significativas.

Como sabiamente afirmou o ex-presidente uruguaio [José Mujica](#), não compramos as mercadorias com dinheiro, [as compramos com tempo de vida que perdemos para conseguir dinheiro!](#) É dentro desse contexto socialmente problemático que a crítica radical mostra-se fundamental. Para além da crítica exclusiva ao neoliberalismo, bem como, da tradição centrada nas lutas entre capital e trabalho, proponho aqui com essa coluna, uma renovação de perspectivas sobre a crise do trabalho assalariado e sobre os múltiplos aspectos, objetivos e subjetivos, que esta envolve. Meu objetivo é contribuir com o debate sobre os fundamentos da sociabilidade contemporânea em profunda decomposição, bem como, ajudar na renovação de nossas possibilidades emancipatórias.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.